****

**O 1º Domingo de Páscoa (17 de abril de 2022)**

Amadas irmãs, amados irmãos, paz para todas e todos vocês!

Chegamos ao domingo comemorativo da Ressurreição gloriosa de Nosso Senhor Jesus Cristo.

O povo de Israel comemorava na páscoa sua libertação do jugo egípcio. A libertação do povo, rumo à terra prometida e propiciada por Deus, foi, e ainda é, motivo de festejo e lembrança anuais pelos judeus. Cristo Jesus morreu na cruz no mesmo dia em que os judeus iniciavam as comemorações da sua páscoa, trazendo um significado transcendental, ilimitado e divino a tal data. A páscoa, para o cristão, deixa de representar a libertação do domínio de um povo e passa a ser a libertação do domínio do mal, do domínio da morte, do domínio do pecado, abrem-se, para ele, as portas da morada gloriosa do Pai, permitindo-lhe a entrada e a permanência por toda eternidade. Porém, o livre arbítrio continua e a possibilidade de escolha individual mantém-se.

Para nós cristãos, a ressurreição do Senhor é a realidade central da nossa fé, sendo propalada desde o início do cristianismo. Porém, ela pode ser apropriada a qualquer pessoa, de qualquer denominação religiosa, pois ela traz o grande estímulo espiritual para o renascer pessoal, com a morte de todo o mal que nos invade. O núcleo de toda pregação cristã, mesmo depois de mais de vinte séculos, é o anúncio de que “Cristo vive!”, vive em cada um de nós, crentes ou não. A ressurreição de Cristo não ocorreu para ser, somente, uma lembrança histórica, ou um dia de festividade, mas para que tenhamos a certeza de sua permanência viva em cada um de nós, permitindo-nos, prazerosamente, saborear a vida plena, plena de amor e paz.

Estejamos certos de que a Ressurreição não é uma teoria, ou mera inspiração reflexiva, ela é uma realidade revelada por Deus, por meio da “Páscoa” de Cristo Jesus, abrindo um novo caminho entre a Terra e o Céu, entre o finito e o infinito, entre o temporal e o atemporal, entre a humanidade e o divino (cf. Hb 10,20). Longe de ser apenas um sonho, um mito, ou uma utopia, é um acontecimento único e transformador, trazendo-nos a vitória da vida sobre a morte.

O Evangelho de hoje traz-nos, no alvorecer do primeiro dia da semana, Madalena, Pedro e João deparando-se com o túmulo de Jesus vazio. Nas passagens em sequência, Madalena e as outras mulheres encontram Jesus ressuscitado, reconhecido, também, em seguida, pelos dois discípulos de Emaús ao partir o pão, aparecendo aos Apóstolos no Cenáculo, à noite, e, depois, a muitos outros discípulos, na Galiléia.

Convido a todas e todos para que juntos possamos refletir sobre o texto evangélico de hoje, dando início à sequência dos que serão abordados no período pascoal.

1No primeiro dia da semana, Maria Madalena vai ao sepulcro, de madrugada, quando ainda estava escuro e vê que a pedra fora retirada do sepulcro. 2Corre, então e vai a Simão Pedro e ao outro discípulo, que Jesus amava, e lhes disse: “Retiraram o Senhor do sepulcro e não sabemos onde o colocaram”. 3Pedro saiu, então, Pedro com o outro discípulo e se dirigiram ao sepulcro. 4Os dois corriam juntos, mas o outro discípulo correu mais depressa que Pedro e chegou primeiro ao sepulcro. 5Inclinando-se, viu as faixas de linho por terra, mas não entrou. 6Então, chegou também Simão Pedro que o seguia, e entra; vê as faixas de linho por terra 7e o sudário que cobria a cabeça de Jesus. O sudário não estava com os panos de linho no chão, mas enrolado em lugar à parte. 8Então, entrou também o outro discípulo que chegara primeiro ao sepulcro: e viu e creu. 9Pois ainda não tinham compreendido que, conforme a Escritura, ele devia ressuscitar dos mortos. (Jo 20,1-9)

A passagem bíblica que hoje nós nos deparamos é narrada nos quatro Evangelhos, sendo mencionada apenas por João a presença de Pedro e do outro apóstolo, que tudo indica ser o próprio João, além de Madalena. Fica explícita no relato de Marcos e de Lucas que as mulheres foram ao sepulcro onde estava Jesus morto com aromas para prepararem seu corpo, prática comum à época, tendo em vista não ser rotineiro o enterro dos mortos, mas sim o de coloca-los em sepulcros, selando-os com pedra. Como sabemos, o embalsamento com aromas não foi feito com o corpo de Jesus antes do seu sepultamento, tendo em vista sua retirada na cruz pouco antes de se adentrar ao sábado, dia em que, para os judeus, nenhuma atividade era permitida.

A passagem de hoje inicia-se com a referência temporal do primeiro dia da semana, dia seguinte ao sábado, que passa a ser considerado como Domingo, cuja origem do latim *dies Dominicus*, que significa “dia do Senhor”. Nesta indicação, além de uma referência temporal, é-nos apresentada, principalmente, uma chave teológica, mostrando-nos o início de um novo ciclo, de uma nova era, de um novo tempo que surge com a verdadeira Páscoa, com a plena doação do Cristo Jesus ressuscitado.

Com a presença de Madalena em todas as narrativas evangélicas que envolvem a tentativa do preparo do corpo de Jesus no terceiro dia, evidencia-se, mais uma vez, sua forte participação na vida humana de Jesus e sua amável fidelidade para com o Senhor, condição que se confirma no relato da primeira aparição do Senhor, após sua ressurreição, ter ocorrido também para ela. O aparecimento de Madalena em diversas importantes passagem após a paixão e morte de Jesus – uma das poucas ao pé da cruz; a primeira ao chegar no túmulo após o sepultamento; a única a ver os anjos sentados diante do sepulcro vazio; e a primeira a ver Jesus ressuscitado – não traz somente sua presença, mas representa a nova comunidade de fieis nascida da ação criadora e vivificadora do Cristo Jesus, a qual acredita, inicialmente, ao testemunhar da cruz, no triunfo da morte, procurando, em seguida, o seu corpo no sepulcro. Tal comunidade sente-se desamparada, desorientada, abandonada, não sendo capaz, ainda, de reconhecer a vitória sobre a morte. Porém, ao se deparar com o sepulcro vazio, o verdadeiro discípulo passa a acreditar que Jesus está vivo e, além de crer na vida do Salvador, deseja repassar essa mensagem aos demais companheiros que buscam a mesma confirmação.

Em seguida, dois discípulos correm ao túmulo para conferirem a informação recebida por Madalena, parte pela preocupação com o que poderiam ter feito com o corpo do Mestre, não mais presente no sepulcro que se encontra vazio, parte pela adesão e fidelidade a Jesus, mas, sem dúvida, nem imaginando a possibilidade da concretização da já anunciada ressurreição do Senhor, por Ele previamente indicada, ao longo dos três últimos anos, e prevista pelos profetas, cujos relatos já se encontravam presentes do textos judaicos – o Antigo Testamento.

Simão Pedro juntamente com o “outro discípulo”, que tudo indica ser o “discípulo amado”, isto é, o próprio autor do quarto evangelho, são apontados como os que correm em direção ao sepulcro de Jesus, seguindo o chamado de Madalena. Não é a primeira vez que João narra passagens com a presença destas duas figuras apostólicas lado a lado, sendo que, do ponto de vista humano, na maioria das vezes, inclusive nesta, João acaba levando vantagem sobre Pedro. Evidenciamos o “outro discípulo” correndo mais, talvez pela diferença de idade, e acaba chegando ao túmulo antes que Pedro. Porém, é bem possível que a espera de João por Pedro, para que este entre primeiro no sepulcro, tenha relação apenas com a sua deferência, sua consideração e o seu amor, em decorrência de sua sintonia com Jesus. Ficou demonstrado pela narrativa que, após a visualização do túmulo vazio, João teria “acreditado”. O mesmo, entretanto, não é dito de Pedro.

É possível que, além da narrativa dos evangelistas sinóticos sobre o sepulcro vazio evidenciado pelas mulheres ao tentarem tratar o corpo de Jesus morte, João tenha tido a intensão de descrever em seu Evangelho, por meio da reação dos discípulos indicados, tanto o impacto produzido pela morte de Jesus, como as distintas reações daqueles que pertenciam à comunidade de seguidores do Nazareno. A maioria das reações de Pedro relatadas nos evangelhos, evidencia sua força, sua fúria, sua obstinação, evidenciando na morte o fracasso, recusando-se a aceitar a possibilidade de a vida nova surgir por meio da humilhação, especialmente na cruz (Jo 13,6-8.36-38; 18,16-27; cf. Mc 8,31-33). Ao contrário, aquele que é chamado de “o outro discípulo”, sempre próximo de Jesus, fazendo, frequentemente, a experiência do amor de Jesus, foi movido a ponto de correr até o túmulo de forma mais decidida e, ao adentrá-lo, “*viu e creu*”. O “outro discípulo” representa a figura do discípulo ideal, sempre em sintonia com Jesus, movido a seguir permanentemente ao encontro do Senhor, na forte crença de que Jesus permanece vivo. Diz-se, então, que ele é o paradigma do “homem novo”.

Um ponto a mais que merece ser destacado na passagem de hoje é a forma com que o lençol (síndone) é encontrado no chão, bem como o lenço que fora colocado no rosto de Jesus (sudário). Ambos presentes no sepulcro e sem qualquer sinal de violência ou de luta para sua retirada. Lembremo-nos de Lázaro que, ao ser ressuscitado, saiu do túmulo envolto no lençol, pois, apesar de retornar para a vida, não foi capaz de livrar-se por si só dos tecidos que o envolviam. No caso de Jesus, o lençol encontra-se no chão e o sudário posto enrolado em um local específico, evidenciando não sua retirada, mas o perpassar por eles. Caso houvesse qualquer tentativa de se levar o corpo de Jesus para fora do sepulcro por alguns dos seus seguidores, mesmo com o objetivo de prepará-lo, o que não teria justificativa alguma de faze-lo fora dali, não haveria qualquer razão para O levarem sem que estivesse envolto pelo lençol.

Vemos então que, na manhã de domingo, o terceiro dia, a entrada do sepulcro estava removida, seu interior estava vazio, os lençóis deixados no chão, o sudário dobrado e Jesus ausente. O próprio Pedro descreveu: “*A este Jesus, Deus o ressuscitou: do que todos nós somos testemunhas.*” (At 2,32), juntamente com João ao dizer na narrativa de hoje: “*Então, entrou também o outro discípulo que chegara primeiro ao sepulcro: e viu e creu*” (v. 8).

Entretanto, quando refletirmos sobre a ressurreição salvadora de Cristo, não devemos nos esquecer que, sem o calvário e a morte na cruz, Jesus não poderia, pela ressurreição, ter-nos salvo. Para que houvesse ressurreição, Ele teve de enfrentar sua dolorosa paixão. Para que pudéssemos ser salvos, sendo agraciados com a possibilidade de nos encontrarmos “*face a face*” com o Pai, ou seja, de podermos usufruir da glória celeste, Jesus Cristo passou, por opção, pela entrega, pelo sofrimento, pela dor e pela morte, para que dela fosse vitorioso e, por seu intermédio, pudéssemos ser libertados.

Porém, caríssimos irmãos e irmãs, o calvário e a morte de Cristo não fazem parte do passado longínquo, muito menos sua gloriosa ressurreição. Eles fazem parte de nosso cotidiano, e deles participamos continuamente, ao longo de nossa vida.

Todos desejamos a glória da salvação, a alegria da vitória, a paz da vida eterna. Entretanto, esquecemo-nos que, para tanto, devemos, necessariamente, morrer em vida, juntamente com nosso Salvador, para tudo o que obstaculiza nosso caminho em direção ao Pai.

Não nos esqueçamos que Cristo Jesus ainda está vivo no meio de nós e permanece sendo açoitado, agredido, crucificado e morto, dia após dia, pelas decisões que tomamos em prol da vaidade, da soberba, da cobiça, do apego aos bens materiais, do egoísmo, da ira e de tudo aquilo que falsamente reluz neste mundo, em nosso cotidiano, ludibriando-nos, prendendo-nos e enceguecendo-nos.

A paixão de Jesus é repetida em cada ato que cometemos contrariamente aos seus ensinamentos, em cada opção que fazemos pelas coisas do mundo em substituição a sua presença em nossa vida.

Queridos irmãos e irmãs, como estão nossas atitudes em relação à manutenção do sofrimento e morte de Cristo Jesus, ainda hoje? Açoitamos nosso Salvador com nossas escolhas, nossas ações, nossas palavras e nossas omissões? Assim como os guardas fizeram com Jesus, nos seus momentos de agonia, mesmo sabendo que Ele está diante de nós, estendendo sua mão para nos salvar e oferecendo-nos a vida eterna, damos continuidade ao seu sofrimento, afastando-O de nossa vida com o chicote de nossas falhas?

Festejemos o domingo de páscoa, o domingo da vitória de Jesus frente à morte, frente à escuridão, frente ao mal. Porém, não nos esqueçamos que, realmente, somente estaremos com Ele nesse festejo se também com Ele passarmos pela morte do mal que habita em nós.

Não açoitemos Cristo, mas sim, o que nos afasta dEle. Não O expulsemos de nosso mundo, pela morte, mas sim, exterminemos com tudo aquilo que nos impede de, com Ele, ressuscitarmos. Não tenhamos medo de carregar a cruz que a nós é destinada, mesmo que para isso seja necessário sofrermos perdas que julguemos importantes.

Ressuscitemos gloriosamente com Jesus Cristo, aceitando, sem medo, sem receio e sem limites, a cruz que nos é entregue. Ele morreu para nossa salvação, morramos com Ele para as ilusões do mundo, associando-nos com Ele por toda a Eternidade.

Que a Páscoa esteja sempre presente em nossa vida, levando-nos das trevas para a luz; do egoísmo para a partilha; do triste vazio sem rumo para o jubiloso caminho correto; dos equívocos que nos dividem para a verdade que nos une; da ganância para o desapego; do medo para a fortaleza espiritual; do muro que nos afasta uns dos outros para as pontes de nos aproximam; do pecado para a graça; da morte para vida; enfim, do que é do mundo para o que é de Deus.

Unamos nossa humildade e nossa entrega à infinita bondade de Deus que se fez homem, sofreu, morreu e ressuscitou por nós, para que possamos, juntos, vencer a morte e o mal e vivermos, com o Pai, a vida eterna.

Tenhamos sempre em mente as palavras do Frei Clarêncio Neotti, ofm: “*Se não passamos para Deus que permanece, passaremos com o mundo que passa*.”

Uma boa Páscoa a todos e fiquem com Deus!

Milton Menezes.